

GEO **FRONTER**

ISSN: 2447-9195

PARTICULARIDADES DA PRODUÇÃO AGRÍCOLA DO BRASIL E DA CHINA: UMA ANÁLISE DO DESTINO DA PRODUÇÃO AGROALIMENTAR DOS PAÍSES

Particularities of agricultural production in Brazil and China: an analysis of the destination of agri-food in these countries

Particularidades de la producción agrícola en Brasil y China: un análisis del destino de la producción agroalimentaria en estos países

Bruno Saggiorato

Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC

Umberto de Andrade Filho

Universidade Federal da Grande Dourados - UFGD

Resumo: Este trabalho consiste em um estudo de caso sobre a dinâmica produtiva de dois países que, embora compartilhem aspectos semelhantes, também apresentam diferenças significativas, posicionando-se como potências no setor agroalimentar. Desta forma, o texto objetiva apontar as especificidades da produção agrícola do Brasil e da China, com foco no destino dessa produção. Metodologicamente, o artigo foi escrito por meio dos seguintes passos: 1) levantamento bibliográfico e de dados; 2) construção de tabelas, gráficos e quadros e 3) análise qualitativa de dados e informações levantadas. A partir disso, observa-se que, enquanto a produção brasileira se consolida como um agente global relevante nas cadeias de valor internacionais, a produção chinesa direciona-se majoritariamente para o seu mercado interno. Ademais, constatou-se também que apesar do Brasil ser um grande exportador de milho, carne bovina, suína e de frango, o consumo doméstico desses produtos é superior às vendas externas. O único produto analisado que foge dessa lógica é a soja, que saiu de aproximadamente 40% em 2000, alcançou 72% em 2019 e chegou a 2025 com 60% da sua produção direcionada ao mercado externo. Ambos os países registram ganhos contínuos de produtividade, que persistem mesmo diante de sazonalidades esporádicas, sempre superadas por fases de recuperação.

Palavras-chave: Cadeias Agroalimentares; Soberania Alimentar; Relações Brasil-China; Comércio Exterior.

Abstract: This paper consists of a case study on the productive dynamics of two countries that, although they share similar aspects, also have significant differences, positioning themselves as powers in the agri-food sector. Thus, the text aims to point out the specificities of agricultural production in Brazil and China, focusing on the destination of this production. Methodologically, the article was written through the following steps: 1) bibliographic and data survey; 2) construction of tables, graphs, and charts; and 3) qualitative analysis of data and information collected. Based on an empirical analysis of the production and distribution of both countries, it can be observed that, while Brazilian production is consolidating itself as a relevant global player in international value chains, Chinese production is mainly directed towards its domestic market. Furthermore, it was also found that although Brazil is a major exporter of corn, beef, pork, and chicken, domestic consumption of these products exceeds foreign sales. The only product analyzed that deviates from this logic is soybeans, which went from approximately 40% in 2000 to

72% in 2019, reaching 2025 with 60% of its production directed to the foreign market. Both countries have recorded continuous productivity gains, which persist even in the face of sporadic seasonality, always overcome by recovery phases.

Keywords: Agri-food chains; Food sovereignty; Brazil-China relations; Foreign trade.

Resumen: Este trabajo consiste en un estudio de caso sobre la dinámica productiva de dos países que, aunque comparten aspectos similares, también presentan diferencias significativas, posicionándose como potencias en el sector agroalimentario. De este modo, el texto tiene como objetivo señalar las especificidades de la producción agrícola de Brasil y China, centrándose en el destino de dicha producción. Metodológicamente, el artículo se ha redactado siguiendo los siguientes pasos: 1) recopilación bibliográfica y de datos; 2) elaboración de tablas, gráficos y cuadros, y 3) análisis cualitativo de los datos y la información recopilados. A partir de un análisis empírico de la producción y distribución de ambos, se observa que, mientras que la producción brasileña se consolida como un agente global relevante en las cadenas de valor internacionales, la producción china se dirige principalmente a su mercado interno. Además, también se constató que, a pesar de que Brasil es un gran exportador de maíz, carne bovina, porcina y de pollo, el consumo interno de estos productos es superior a las ventas externas. El único producto analizado que se sale de esta lógica es la soja, que pasó de aproximadamente el 40 % en 2000 al 72 % en 2019 y llegó a 2025 con el 60 % de su producción dirigida al mercado externo. Ambos países registran ganancias continuas de productividad, que persisten incluso ante esporádicas estacionalidades, siempre superadas por fases de recuperación.

Palabras clave: Cadenas agroalimentarias; Soberanía alimentaria; Relaciones entre Brasil y China; Comercio exterior.

Introdução

Brasil e China são atualmente grandes potências agrícolas, com extensas áreas cultivadas e grandes rebanhos. Ambos os países são líderes mundiais na produção de diversos produtos alimentícios. Segundo dados da USDA (2026), China e Brasil figuram no top 5 de maiores produtores do mundo em alguns, como: carne suína, carne de frango, carne bovina, soja, milho, algodão, açúcar e óleo de soja. Esses indicadores revelam o êxito alcançado pelos

países, cujo desempenho foi e é fortemente influenciado pelos investimentos públicos e pelo papel do Estado, por meio de inovações institucionais. No entanto, em que pese tais semelhanças, há contrastes marcantes nos setores agroalimentares dos dois países, como por exemplo, em termos de nível tecnológico, políticas econômicas para a agricultura, inserção no comércio exterior, estrutura agrária e volumes de produção.

Parte-se do pressuposto de que a produção de alimentos está vinculada à soberania nacional (Sampaio, 2014). A China utiliza o controle desses mercados para se proteger de "choques externos" e sanções, enquanto o Brasil atua como um "braço produtivo" global, cujos preços são muitas vezes determinados por expectativas de mercados futuros e bolsas internacionais (como Chicago e BM&F), e não apenas pela oferta física (Medeiros, 2014).

Frequentemente, a literatura aborda a dinâmica da agricultura do Brasil ou da China, de maneira separada, não sendo comum textos que empregam esforços de análise comparativa entre os sistemas agrícolas dos dois gigantes do sul global. Dentre os trabalhos que apresentam essa discussão, destaca-se o artigo de Escher e Wilkinson (2019), que trata da economia política do complexo soja-carne Brasil-China. Os autores argumentam que, a partir do começo dos anos 2000, a formação desse complexo representa uma transformação policêntrica nas relações agroalimentares globais, marcada pelo interesse de grandes corporações do setor agrícola e estados nacionais, direcionando-se para Sul/Oriente, o que confronta o poder das multinacionais do Atlântico Norte. A tese de Escher (2016) é mais um trabalho de relevo. O autor aborda a temática da agricultura, alimentação e desenvolvimento rural do Brasil e da China, a partir de uma análise institucional comparativa.

Outro texto, escrito por Tixiliski (2023), sustenta que o Brasil tem aprofundado seu papel de produtor de *commodities*, enquanto a China busca participar de forma ativa e autônoma no regime alimentar internacional. Diante disso, este texto busca discutir as especificidades da produção agrícola do Brasil e da China, com foco no destino dessa produção para alguns bens relevantes ao longo do século XXI. O artigo visa contribuir para o debate ao analisar a produção e exportação de um conjunto considerável de bens agrícolas dos dois países.

Para alcançar o objetivo proposto, optou-se pela abordagem exploratória e comparativa, aliada à pesquisa bibliográfica e documental. A pesquisa exploratória envolve levantamento bibliográfico e documental sobre um determinado assunto. Já a pesquisa comparativa investiga indivíduos, classes, fenômenos ou fatos, buscando ressaltar semelhanças/similitudes e explicar diferenças entre eles. Essa técnica é amplamente utilizada nas ciências sociais, pois possibilita

o estudo comparativo de fenômenos sociais separados pelo tempo e pelo espaço (Gil, 2008; Marconi e Lakatos, 2003).

Ademais, a metodologia adotada percorreu três passos: 1) levantamento bibliográfico e de dados; 2) construção de tabelas, gráficos e quadros e 3) análise qualitativa dos dados e informações levantadas. Consultaram-se livros, artigos, teses e dissertações sobre a temática exposta, principalmente no Google Acadêmico, bem como coletaram-se dados da produção e exportação agrícola no banco do Serviço Agrícola Estrangeiro do Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (USDA/FAS), escolhido por sua abrangência global, metodologia padronizada e acesso a séries históricas longas e comparáveis.

Considerando a diversidade da produção agrícola do Brasil e da China, foi necessário estabelecer um recorte metodológico, delimitando alguns produtos agrícolas. Para esta análise, os produtos selecionados foram: carnes suínas, bovinas e de frango, milho e soja que representam cadeias estratégicas de proteínas e grãos centrais para a segurança alimentar e o comércio exterior de ambos os países. Foram coletados dados de produção total e volume exportado pelo Brasil e pela China no período de 2000 a 2024.

Estruturalmente, além da introdução e das conclusões, o artigo está dividido em mais dois tópicos. O primeiro “Premissas teóricas e históricas: alguns aspectos do setor agrícola no Brasil e na China” apresenta, de forma breve, alguns pressupostos teóricos e históricos considerados importantes sobre a temática da agricultura e aponta a justificativa do trabalho. Na sequência, o segundo item, “A produção agroalimentar Brasil-China no início do século XXI”, expõe os resultados da pesquisa, explorando diversos indicadores de produção e de exportação agrícolas do Brasil e da China.

Premissas teóricas e históricas: alguns aspectos do setor agrícola no Brasil e na China

Inicialmente, é fundamental sublinhar alguns pressupostos teóricos relacionados à produção de alimentos. Na atualidade, a agricultura tornou-se um ramo industrial, com esta última subjugando a primeira (Rangel, 2005; Kautsky, [1899] 1980; Lênin [1899] 1982). Além disso, Marx [1867] (2013) afirmou que é na agricultura que a grande indústria atua de forma mais revolucionária, substituindo o camponês pelo trabalhador assalariado e nivelando os antagonismos do campo aos da cidade.

As diversas transformações impostas pelo avanço e desenvolvimento do capitalismo industrial condicionaram um aumento considerável do consumo de alimentos processados e semiprocessados na sociedade moderna. Elementos como crescimento populacional, nível de

urbanização e distribuição de renda desempenham grande influência no setor alimentar. Além disso, a produção de alimentos tem seu ritmo orientado pela expansão do mercado interno e pelo grau de competitividade dos seus produtos no mercado internacional (Espíndola, 1999).

De acordo com Sampaio (2014), como dito anteriormente, a produção de alimentos está fortemente vinculada à segurança e soberania alimentar dos países, marcada por diferentes estratégias dos estados nacionais, atuação das grandes empresas alimentares e aspectos geopolíticos. O autor adverte ainda que é preciso compreender a agropecuária de uma forma mais ampla, relacionada aos demais setores produtivos, sem restringir as análises apenas “dentro da porteira”.

O trabalho justifica-se pela manifestação de dois modelos de desenvolvimento agroalimentar opostos, cuja interação define uma das relações econômicas mais estratégicas e assimétricas da globalização contemporânea (Salama, 2012). De um lado, o setor agroalimentar brasileiro, que se consolidou como exportador de *commodities*. Seu crescimento acelerado após 1999 aproveitou investimentos prévios e capacidade ociosa, orientando-se predominantemente ao mercado externo para compensar a demanda doméstica, de baixa elasticidade-renda, o setor cumpre um papel 'auxiliar' na economia, gerando divisas e equilibrando a balança comercial (Medeiros, 2014). De outro, a China, que emprega sua capacidade produtiva massiva como instrumento de política interna, priorizando a segurança alimentar e a estabilidade social, utilizando o comércio global de forma seletiva para complementar e estabilizar seu abastecimento doméstico (Mamigonian, 2008).

Nesse sentido, a dinâmica do setor agroalimentar brasileiro, a partir da década de 1990, caracterizou-se pelo desmonte das políticas estatais de crédito e por uma abertura comercial indiscriminada. Esse processo consolidou um padrão de "especialização regressiva", no qual o país aprofundou sua inserção internacional como exportador de *commodities* primárias (soja, milho, carnes *in natura*) em troca de bens manufaturados e de capital. Internamente, a demanda por alimentos básicos (como arroz e feijão) apresenta baixa elasticidade-renda e crescimento lento, gerando crises de superprodução e ociosidade sempre que a oferta supera a necessidade doméstica. Foi justamente essa capacidade ociosa, originada de investimentos realizados nas décadas de 1970 e 1980, que permitiu a aceleração das exportações após a desvalorização cambial de 1999, como destaca Medeiros (2010).

Medeiros (2014) afirma ainda que, atualmente, o setor articula-se como um componente estratégico da segurança alimentar global, direcionando suas safras mais competitivas para o

mercado externo a fim de gerar *superávits* comerciais e equilibrar o balanço de pagamentos nacionais.

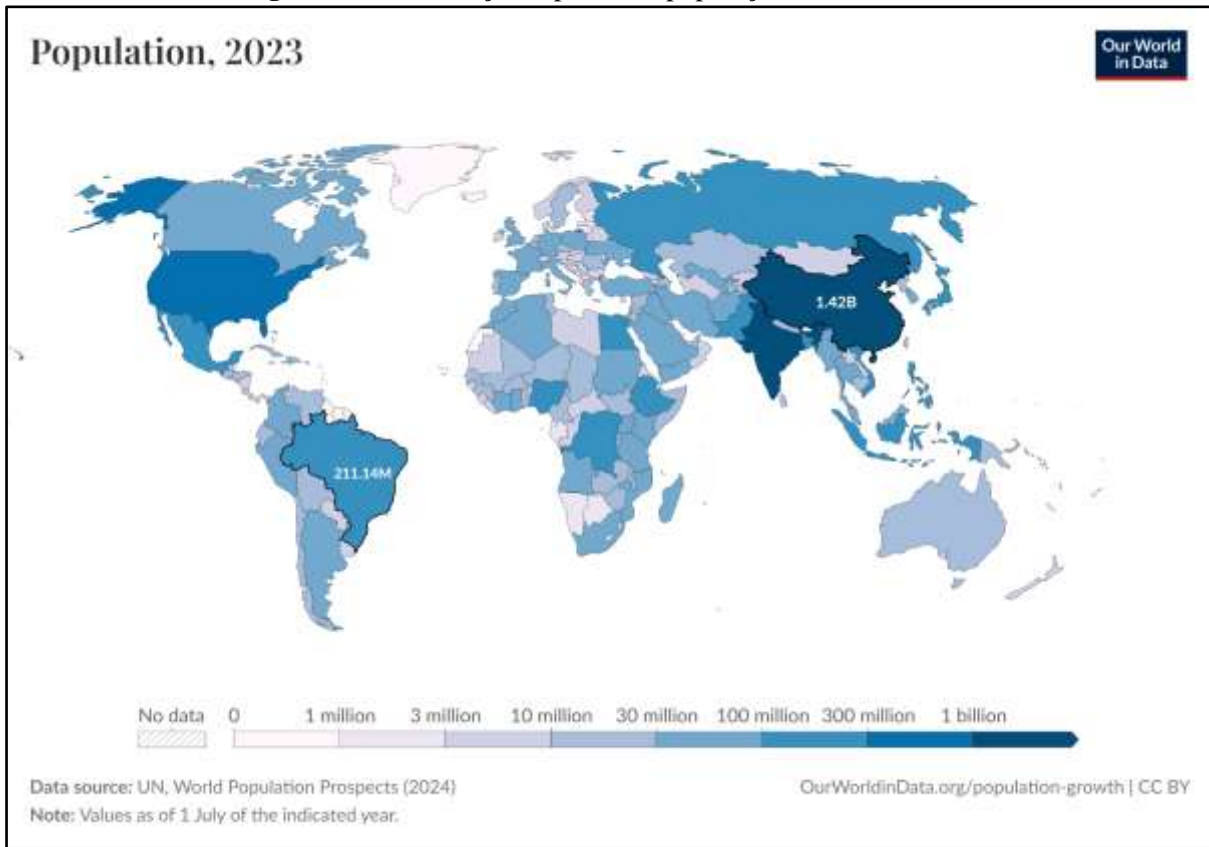
Diferente do Brasil, a China utiliza a produção agrícola como ferramenta de estabilidade política e social. Essa estabilidade é alcançada através de uma transição planejada via Planos Quinquenais (PQs), que transformaram o setor de uma base puramente produtiva para uma ferramenta de "prosperidade compartilhada". O acelerado crescimento econômico e a urbanização alteraram os padrões de consumo, elevando a demanda por proteínas animais e produtos agroalimentares (Espíndola, 2008; Medeiros, 2008).

De acordo com Espíndola, Sampaio e Medeiros (2024), através dos PQs, a China integra tecnologias da Agricultura 5.0 (IA, IoT e Big Data) não para competir no mercado externo, mas para prevenir problemas de abastecimento e elevar a qualidade de vida no campo, integrando o rural ao urbano. Desde o 9º PQ (1996-2000), a China mudou o foco do crescimento quantitativo para o qualitativo, visando à eficiência interna. Programas como a Revitalização Rural (2017) buscam fixar a população no campo e garantir que a produção essencial (cereais e carnes) acompanhe o ritmo da urbanização e expansão da classe média, evitando crises sociais nas cidades.

A estratégia chinesa baseia-se em priorizar a produção doméstica de grãos básicos para consumo humano, enquanto suplementa a cadeia produtiva animal com importações maciças. Embora seja o maior produtor agrícola da Ásia, as exportações agropecuárias do país representam uma fração mínima de seu comércio total. No setor de carnes, a China é responsável por quase metade da produção mundial de suínos, destinando apenas uma fração ínfima à exportação¹. No próximo bloco, por meio de dados, esse desempenho será analisado detalhadamente para o início do século XXI.

Retomando o objetivo central, que é compreender as diferenças estruturais da produção agroalimentar brasileira e chinesa, parte-se da premissa de que a disparidade demográfica (a população do Brasil é cerca de seis vezes menor, conforme Mapa 1) influencia a escala distinta de seus mercados internos. Contudo, essa questão não implica em um “determinismo populacional”, mas é um condicionante importante, que não se pode ignorar, ainda mais no caso chinês, onde nas últimas décadas a renda vem crescendo substancialmente, formando uma classe média consumidora de diversos bens.

¹ Cerca de 1% da produção chinesa de suínos é direcionada ao mercado externo. As informações estão disponíveis em *Food and Agriculture Organization* : <https://www.fao.org/faostat>.

Figura 1 – Distribuição espacial da população mundial (2023)

Fonte: Our World in Data (2023).

Medeiros, Espíndola e Sampaio (2025) afirmam que o consumo de alimentos possui uma dinâmica complexa, que não diz respeito somente ao tamanho da população ou sua capacidade de consumir de acordo com a renda, mas a um conjunto de fatores que envolve a proporção entre população rural e urbana, a distribuição da renda, as estruturas produtivas, de armazenamento, transporte e de comercialização de alimentos, assim como os costumes históricos. Portanto, veja-se que a explicação para um robusto mercado interno não está na quantidade da população total, mas na capacidade de um Estado nacional em lograr o acesso adequado às mais diversas necessidades humanas e ainda outros elementos, conforme exposto anteriormente. No caso do acesso à alimentação, as políticas de estoque reguladores são centrais.

O Brasil passou por uma transformação profunda em sua política de abastecimento. Historicamente, a Companhia Nacional de Abastecimento (Conab) operava um sistema baseado na formação de estoques públicos reguladores, comprando grãos a preços mínimos para garantir a renda do produtor e liberando-os no mercado para conter a inflação (CONAB, 2024a). No entanto, a partir da década de 1990, o modelo passou a privilegiar mecanismos de subvenção à

iniciativa privada em detrimento da estocagem física pelo Estado (CONAB, 2024b). Instrumentos como o Prêmio para Escoamento do Produto (PEP) e o Valor de Escoamento de Produto (VEP) subsidiam o transporte do produto entre regiões por empresas privadas, enquanto a Aquisição do Governo Federal (AGF) tornou-se menos utilizada (Piccin, 2017). Esse processo, agravado pela defasagem e privatização da rede pública de armazéns, levou a uma drástica redução dos estoques governamentais, deixando o mercado interno desprotegido contra a volatilidade dos preços internacionais (Moura e Fuscaldi, 2008)².

Para além de constatar a maior demanda chinesa, a análise busca destacar o direcionamento estratégico de cada modelo produtivo, investigando se sua produção (nos segmentos selecionados) é mais voltada ao mercado interno ou externo. Também parte-se do pressuposto de que o Brasil alcançou altos níveis de produção agrícola, colocando o país em condições de suprir, de modo geral, a demanda interna³ e ainda ser um grande *player* global.

A produção agroalimentar Brasil-China no início do século XXI

Desde o início da década de 1950, a trajetória da formação social chinesa é marcada pela formulação e execução de Planos Quinquenais, cujo objetivo integra o desenvolvimento socioeconômico em diversos segmentos, desde indústrias leves até setores da fronteira tecnológica. Para a agricultura, Espíndola, Sampaio e Medeiros (2024) apresentam um panorama interessante de que forma o setor agrícola foi sendo contemplado desde o primeiro PQ até os mais recentes, que são o foco dos autores para desvendar a construção de uma agricultura 5.0 na China.

De acordo com Medeiros, Espíndola e Sampaio (2025, p. 01) “ocorreram inovações institucionais que reorganizaram as estruturas produtivas, transformando a China na maior potência agroalimentar do mundo”. Somado a outros fatores, esse planejamento governamental resultou em uma agricultura altamente dinâmica e competitiva, com enormes volumes de produção de alimentos, como será exemplificado na sequência com os dados de produtos selecionados⁴.

² O resultado prático é que o consumidor brasileiro fica exposto a disparadas de preços de alimentos básicos, como arroz e feijão, mesmo durante safras recordes, pois o Estado perdeu a capacidade de intervir diretamente na oferta. A China, ao contrário, utiliza sua enorme capacidade de armazenagem como um amortecedor contra crises e uma ferramenta de planejamento de longo prazo.

³ Nesta análise, não se entra no mérito de qualidade, preço, inflação dos bens agrícolas, o que demandaria uma outra discussão que foge do foco deste estudo. Assim, concorda-se com Sampaio (2014), de que a falta de acesso à alimentação no Brasil não ocorre pela falta da produção, mas pela falta da renda ou mecanismos de distribuição.

⁴ Conforme exposto na metodologia, foram selecionados alguns produtos relevantes para Brasil e China. No entanto, é válido mencionar que, em alguns produtos alimentícios, além de suprir o mercado interno, a China

No caso brasileiro, guardadas as devidas proporções e particularidades temporais e geográficas, o Estado e suas políticas para o processo de modernização da agricultura também foram fundamentais, especialmente a partir da metade do século XX. No bojo dessas políticas, destaca-se, por exemplo, a criação do Sistema Nacional de Crédito Rural (SNCR) nos anos 1960 e a fundação da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa) nos anos 1970, com forte capilaridade no território e responsável por inúmeras inovações tecnológicas na agropecuária nacional, como o pioneirismo na “tropicalização” da soja⁵. Dentz e Sampaio (2019) afirmam que a Embrapa possui uma relevância estratégica no desenvolvimento produtivo do Brasil, contribuindo significativamente para avanços na produção agropecuária de modo geral, mas sobretudo na soja, milho, café, bovinos, suínos, frangos etc.

Como será possível observar com os gráficos, em comparação com a China, o Brasil é um grande exportador dos bens selecionados para este estudo (milho, soja, e carnes de frango, boi e suíno). Apesar disso, o consumo doméstico desses produtos é superior às vendas externas. O único produto analisado que foge dessa lógica é a soja, conforme dados da Conab (2024) e da USDA (2025). Esse fato mostra, dentre outros elementos, o dinamismo da agroindústria e da indústria de produtos alimentícios do Brasil, com ganhos de produtividade acompanhados por exportações.

O Serviço Agrícola Estrangeiro do Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (USDA/FAS) opera o sistema *Production, Supply, and Distribution* (PSD), uma infraestrutura de dados que funciona como o principal balanço global de oferta e demanda para *commodities* agrícolas. Para harmonizar e comparar a produção de diferentes países sob uma métrica comum, o sistema emprega uma classificação compatível com o Sistema Harmonizado (HS) e converte volumes heterogêneos para uma unidade padrão, como o Equivalente de Peso de Carcaça (CWE).

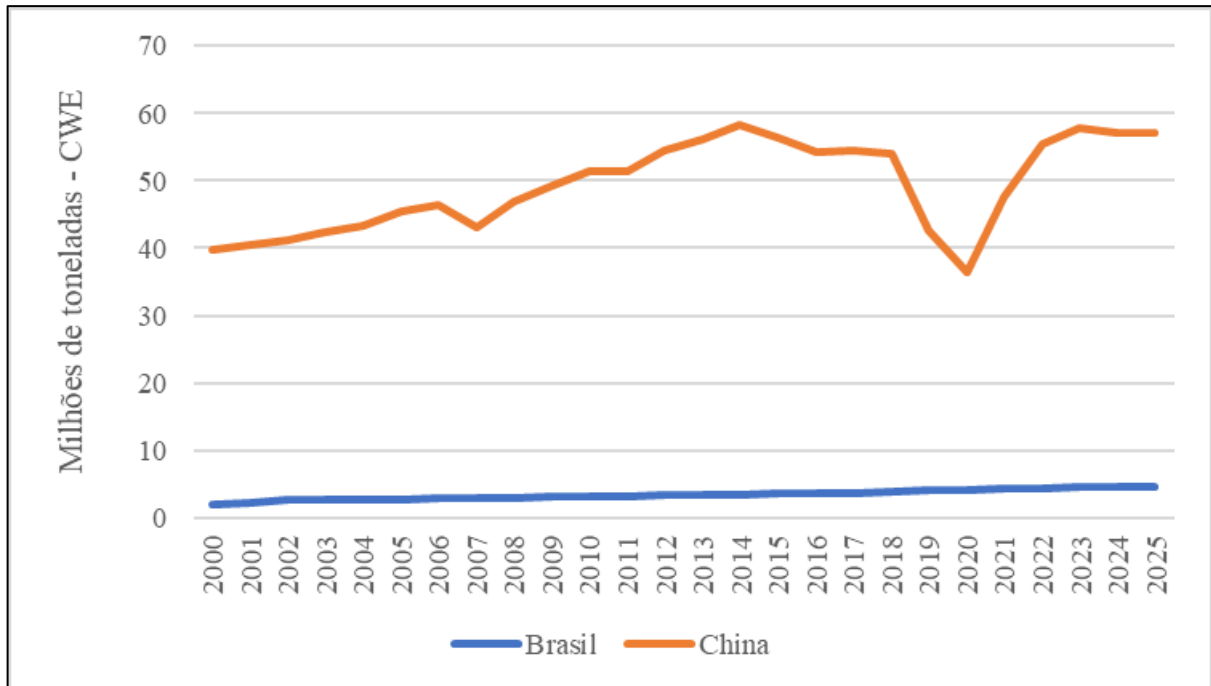
Especificamente para suínos, o CWE corresponde ao peso do animal após o abate, a sangria e a remoção das vísceras e órgãos internos. Essa métrica crucial inclui a carne e a gordura comestível aderentes à carcaça, mas exclui rigorosamente a banha (*lard*) processada, os miúdos (*offal*) e o couro (quando removido para fins industriais). Para garantir a integridade dos dados de comércio, o USDA aplica coeficientes de conversão específicos. Dessa forma, quando a carne é exportada desossada ou como produto processado (como presunto ou bacon),

também alcançou destaque nas exportações. O país é o maior exportador mundial de frutas preparadas e hortaliças conservadas; e segundo maior de alimentos preparados e hortaliças congeladas, conforme dados apresentados por Espíndola, Sampaio e Medeiros (2024).

⁵ Para ver detalhes sobre a tropicalização da soja, recomenda-se o artigo de Espíndola, Cunha e Jabbour (2024).

seu peso é recalculado para o equivalente em carcaça com osso. Essa metodologia evita a subestimação da produção real. Portanto, os dados reportados pelo USDA para produção, exportação e consumo referem-se a esse padrão de carne suína padronizada, que engloba principalmente cortes frescos e congelados destinados aos mercados interno e internacional⁶.

Gráfico 1 – Produção de carne suína na China e no Brasil (2000-2025)



Fonte: USDA (2026).

A produção de carne suína em ambos os países se expandiu desde o início do século. A produção brasileira passou de 2 milhões de toneladas (CWE) em 2000 para mais de 4,5 milhões de toneladas no período analisado. A China, por sua vez, produzia algo superior a 39,5 milhões de toneladas (CWE) em 2000, continuou a expandir sua capacidade até atingir um pico de 58 milhões de toneladas em 2014, mantendo-se em cerca de 54 milhões em 2018.

Entre 2019 e 2020, a produção chinesa sofreu uma queda drástica devido a um surto de Peste Suína Africana (PSA)⁷, que reduziu drasticamente o rebanho, fazendo a produção despencar para aproximadamente 36 milhões de toneladas. A recuperação começou em 2021, com a produção atingindo cerca de 57 milhões de toneladas em 2025.

⁶ Para mais informações, recomenda-se:

<https://www.ers.usda.gov/topics/animal-products/hogs-pork/sector-at-a-glance>.

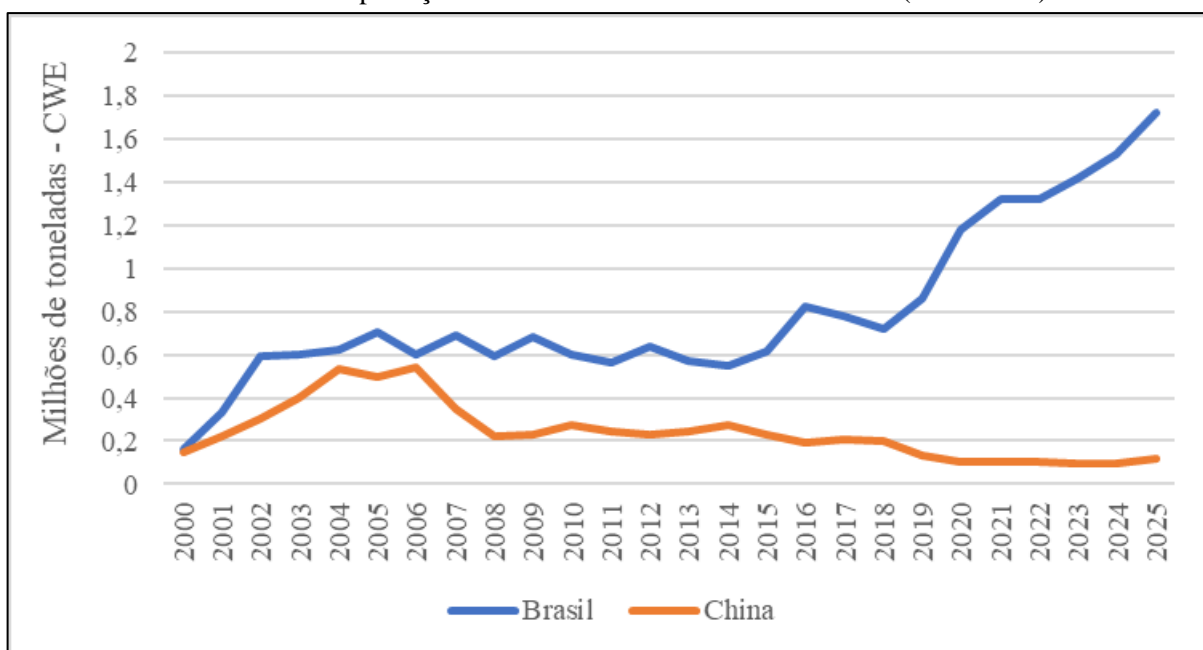
⁷ Uma doença viral altamente contagiosa e letal para suínos, embora inofensiva para humanos. Mais informações, disponíveis em:

<https://agris.fao.org/search/en/providers/122535/records/65de20c00f3e94b9e5cae298>.

Em termos comparativos, a produção brasileira de suínos em 2000 equivalia a aproximadamente 5% da produção chinesa. Essa participação relativa cresceu, alcançando cerca de 8% em 2025, mesmo com os ganhos de produtividade contínuos em ambos os países.

A seguir, analisa-se qual volume dessa produção foi destinado à exportação e qual fração permaneceu no mercado interno de cada nação.

Gráfico 2 – Exportações de carne suína da China e do Brasil (2000-2025)



Fonte: USDA (2026).

As exportações de carne suína demonstram uma dinâmica distinta da produção. Enquanto a escala gráfica da produção chega a algo próximo de 60 milhões de toneladas (CWE), o volume exportado global aproxima-se de 2 milhões de toneladas.

Em 2000, as exportações de ambos os países eram semelhantes, girando em torno de 150 mil toneladas (CWE). Em 2025, porém, observa-se uma divergência acentuada: as exportações brasileiras do produto atingiram 1,7 milhão de toneladas, enquanto as chinesas totalizaram apenas 115 mil toneladas.

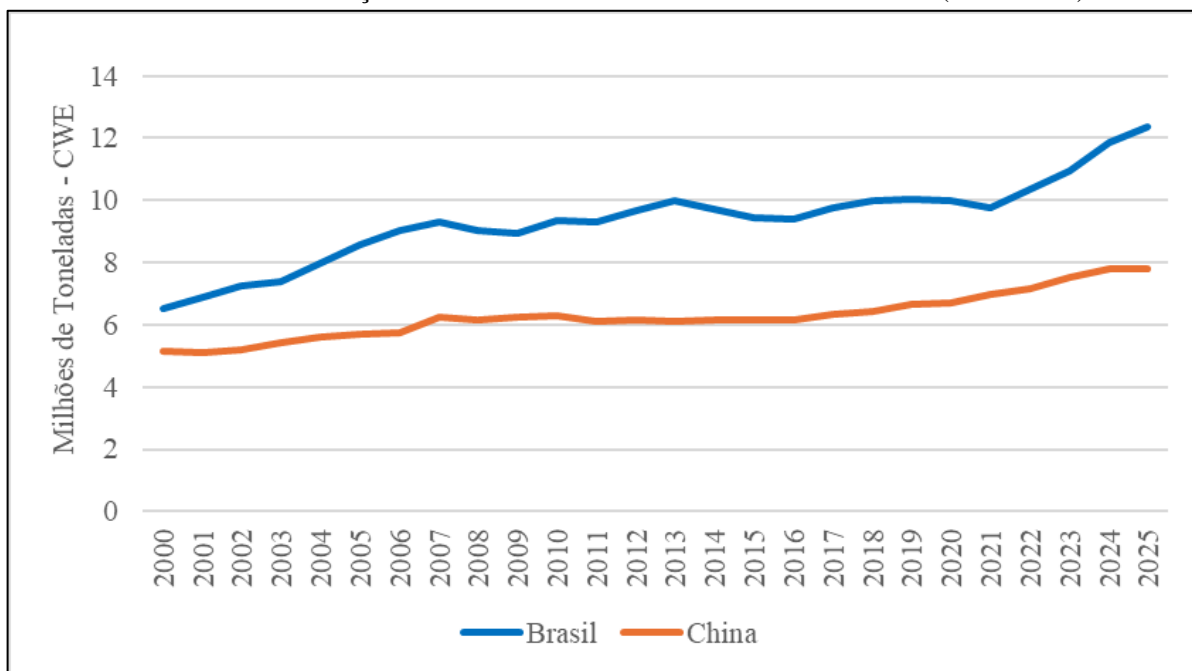
Comparativamente, o grau de inserção no mercado internacional dos modelos produtivos fica claro ao analisar a taxa de exportação (exportação/produção). Em 2000, cerca de 8% da produção brasileira era exportada, contra apenas 0,36% da chinesa. Essa proporção no Brasil cresceu consistentemente, figurando em torno de 20% até 2018. A partir de 2019, o direcionamento brasileiro para o mercado internacional intensificou-se, atingindo 37% do total

produzido em 2025. No mesmo período, a China manteve sua lógica de abastecimento interno, destinando ao máximo 1% de sua produção ao comércio exterior.

Adiante (Gráfico 3), será investigado a produção e a exportação de carne bovina e vitela para compreender o desempenho desses produtos dentro do recorte temporal estabelecido.

A padronização dos dados de carne bovina e vitela segue o mesmo princípio do CWE aplicado à carne suína, mas com particularidades metodológicas na conversão do peso. Isso se deve às diferenças na estrutura física dos animais e no seu processamento, especialmente em etapas como a desossa da carcaça e no tratamento do couro durante a pesagem. De forma geral, porém, a métrica obedece às mesmas diretrizes e metodologias fundamentais, com as devidas adaptações a essas especificidades⁸.

Gráfico 3 – Produção de carne bovina e vitela na China e no Brasil (2000-2025)



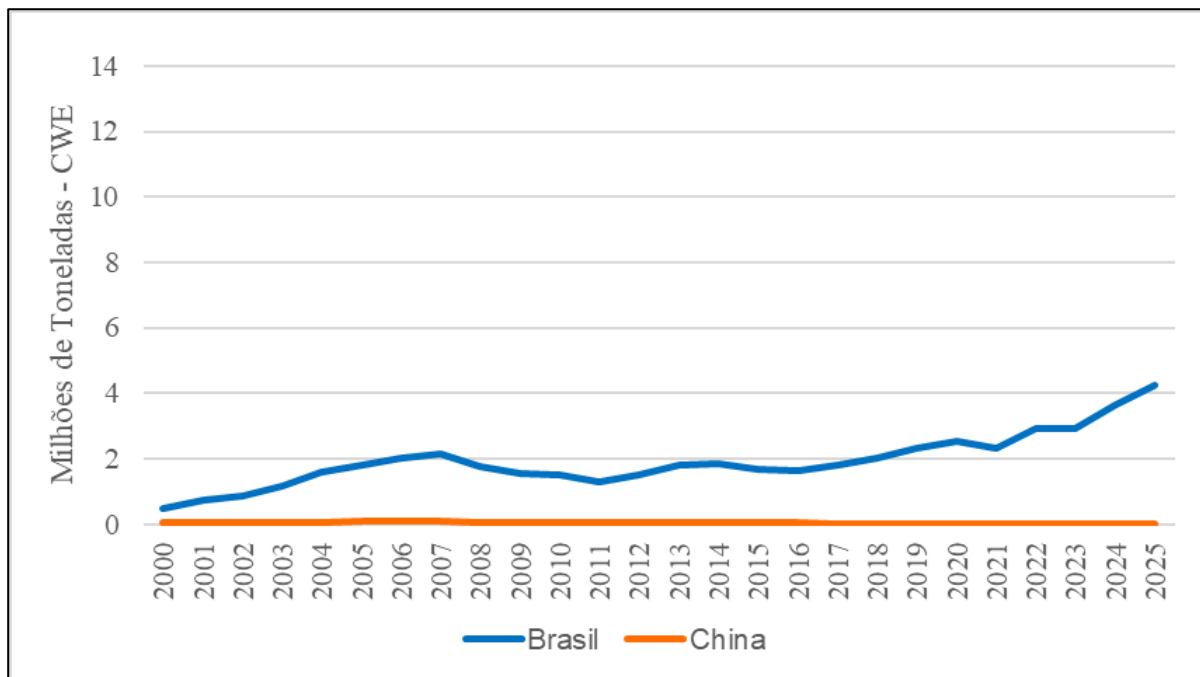
Fonte: USDA (2026).

A produção de carne bovina e vitela revela um ganho contínuo de produtividade em ambos os países, com oscilações pontuais seguidas de recuperação nos anos subsequentes. A produção brasileira partiu de 6,5 milhões de toneladas (CWE) em 2000 e alcançou 12,3 milhões de toneladas em 2025. Embora em menor escala absoluta, a produção chinesa também registrou crescimento significativo: de 5,1 milhões de toneladas (CWE) em 2000 para uma produção superior a 7,7 milhões de toneladas em 2025.

⁸ Mais informações, disponível em: <https://www.ers.usda.gov/data-products/livestock-and-mepróximoat-international-trade-data>.

No gráfico 4, verifica-se qual parcela dessa produção foi direcionada ao comércio internacional e qual foi seu desempenho ao longo do período estudado.

Gráfico 4 – Exportações de carne bovina e vitela da China e do Brasil (2000-2025)



Fonte: USDA. (2026).

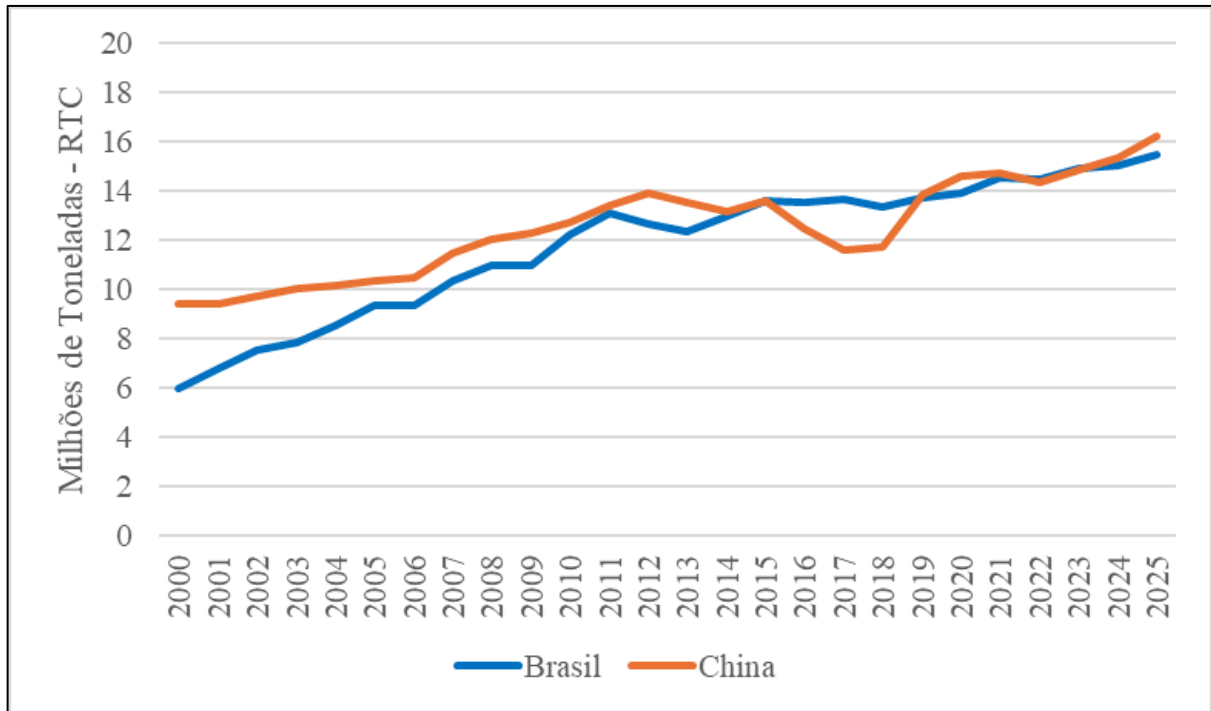
A exportação de carne bovina e vitela demonstra particularidades. O ganho contínuo de produtividade no Brasil acompanhou uma crescente internacionalização do produto. Enquanto em 2000 o país exportava aproximadamente 7% de sua produção, em 2025 essa participação atingiu 34%, o que equivale a cerca de 4,2 milhões de toneladas (CWE). Ao longo do período, a taxa média de exportação variou entre 15% e 25%.

Em contraste, a participação da China no comércio internacional de carne bovina é pequena, variando para no máximo 2% da produção. O pico ocorreu nos anos de 2005-2006, quando destinou cerca de 97 mil toneladas (CWE) ao mercado externo. Este comportamento de foco absoluto no abastecimento interno é análogo ao observado na suinocultura, porém em uma escala produtiva menor.

Para a carne de frango, a métrica utilizada pelo USDA/FAS segue uma lógica de padronização semelhante, porém com uma unidade de medida específica: o "*Ready-to-Cook*" (Pronto para Cozinhar). Enquanto para a carne bovina o foco é o peso da carcaça bruta (CWE), na avicultura a métrica RTC representa o peso da ave após o abate, a sangria e a remoção das penas, cabeça, pés e vísceras não comestíveis.

A categoria "Meat, Chicken" nas bases de dados do USDA engloba especificamente frangos de corte (*broilers*), galinhas de descarte e galos. Ela exclui, no entanto, outras aves (como perus e patos) e, principalmente, a produção de ovos e o comércio de aves vivas⁹.

Gráfico 5 – Produção de carnes de frango na China e no Brasil (2000-2025)



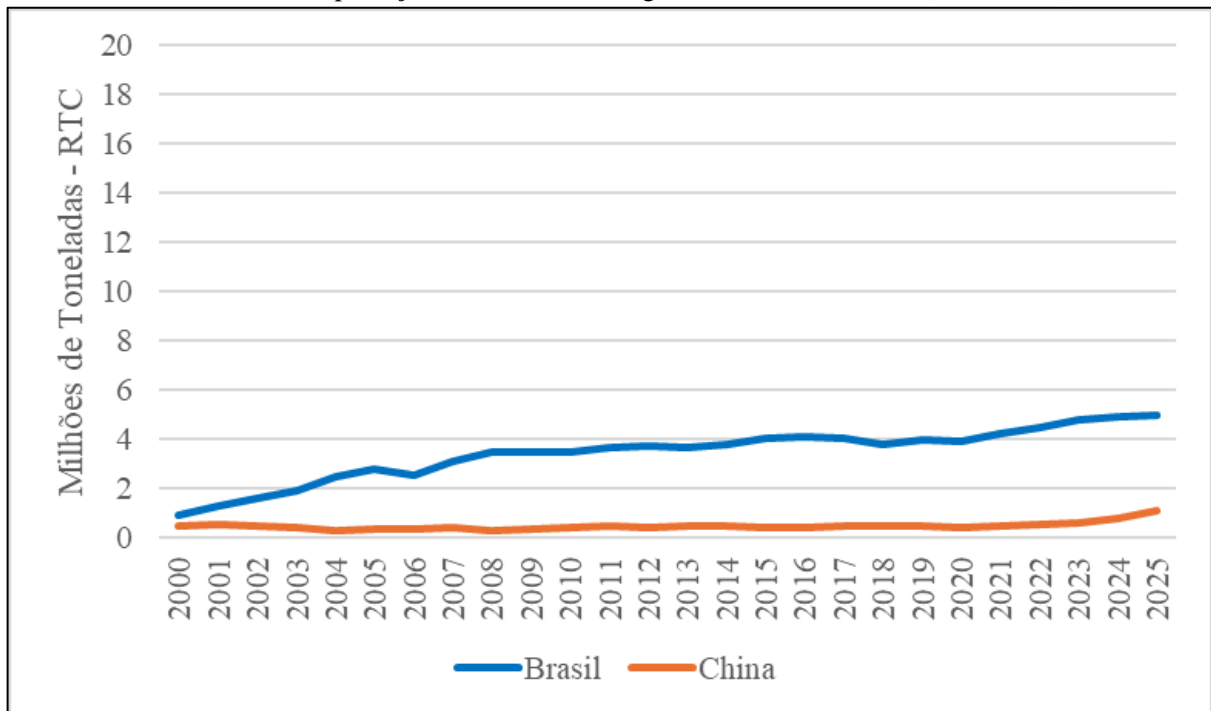
Fonte: USDA. (2026).

A produção de carne de frango nos dois países demonstrou volumes anuais semelhantes. Em 2000, o Brasil produziu 5,9 milhões de toneladas (RTC), enquanto a China produziu 9,3 milhões de toneladas. Ambas as atividades expandiram sua produção ao longo do período analisado, com exceção dos anos de 2016 a 2018, quando a produção chinesa sofreu uma retração devido a surtos de gripe aviária¹⁰, recuperando-se nos anos seguintes. Em 2025, os países alcançaram produções de 15,4 milhões de toneladas (Brasil) e 16,2 milhões de toneladas (China) (Gráfico 6).

⁹ Disponível em: <https://www.ers.usda.gov/topics/animal-products/poultry-eggs>.

¹⁰ O país sofreu seu pior surto de N7N9, informações, disponível em: <https://www.wattagnet.com/broilers-turkeys/article/15523752/chinas-poultry-industry-production-sales-weak-in-2018-wattagnet>.

Gráfico 6 – Exportação de carnes de frango da China e do Brasil (2000-2025)



Fonte: USDA. Organizado pelos autores (2026).

O desempenho das exportações segue a dinâmica observada nos outros segmentos de carne analisados. As exportações brasileiras de carne de frango acompanharam a expansão da produção, ampliando sua participação no comércio internacional. No ano 2000, o Brasil exportou aproximadamente 15% de sua produção, o equivalente a 870 mil toneladas (RTC). A taxa de exportação se consolidou próxima a 30% a partir de 2004, variando em torno desse patamar e chegou a 2025 com 32%, o que representou cerca de 4,9 milhões de toneladas (RTC) vendidas ao exterior.

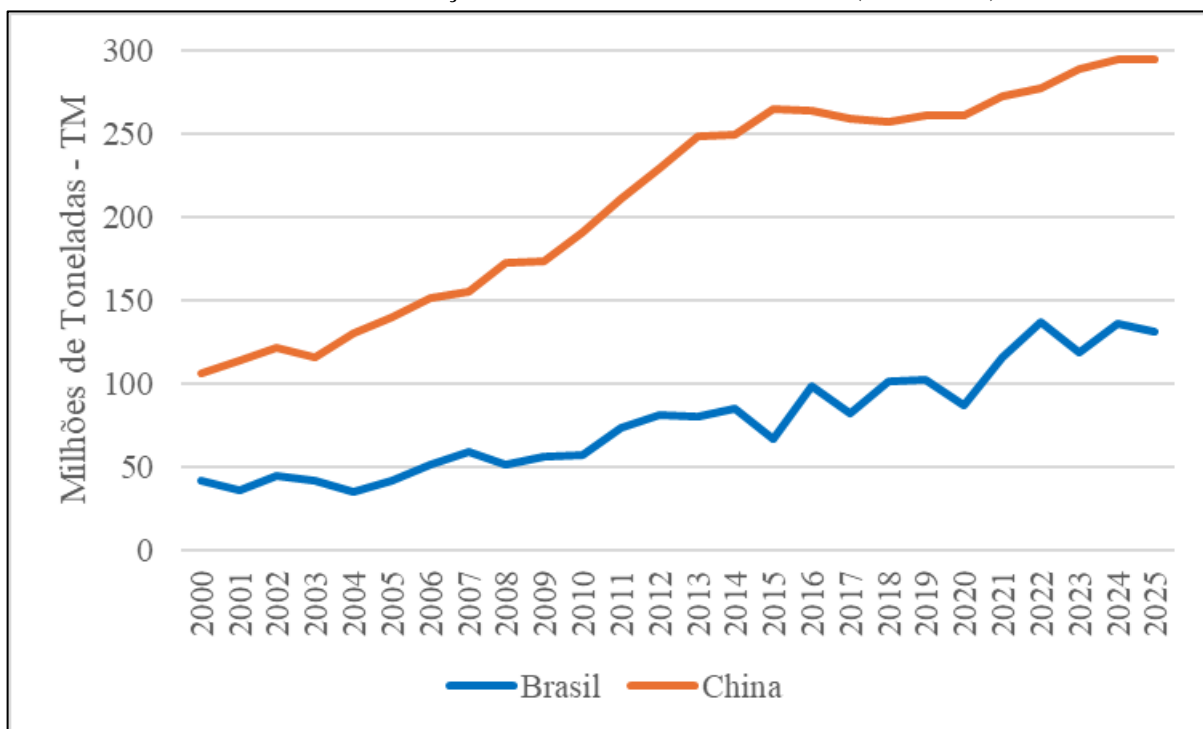
O desempenho das exportações chinesas desse produto, por sua vez, mostrou-se ligeiramente superior ao verificado para as carnes bovina e suína, variando entre 2% e 6% da produção. Em 2000, a China exportou 5% de sua produção, próximo a 464 mil toneladas, chegando em 2025 a 6%, volume equivalente a 1 milhão de toneladas de carne de frango.

Nos gráficos 7 e 8 apresenta-se a produção e a exportação dos cereais estratégicos para as cadeias agroalimentares: milho e soja em ambos os países. Diferentemente das carnes, cuja mensuração utiliza equivalentes de carcaça, o milho é mensurado pelo USDA/FAS em toneladas métricas. A estrutura de dados no sistema PSD organiza-se pelo conceito de "Market Year" (Ano Comercial), cujo período varia conforme o ciclo de colheita de cada país¹¹. Para

¹¹ Disponível em: <https://www.ers.usda.gov/topics/crops/corn-and-other-feed-grains>.

fins de representação gráfica e análise anual, adotou-se como parâmetro o ano inicial de cada safra. Por exemplo, para a safra 2000/2001, utilizou-se o ano de 2000 como referência.

Gráfico 7 – Produção de milho na China e no Brasil (2000-2025)



Fonte: USDA (2026).

A produção de milho em ambos os países cresceu e triplicou ao longo do período estudado, embora com trajetórias distintas. A produção brasileira, partindo de 41,5 milhões de toneladas em 2000, atingiu aproximadamente 131 milhões de toneladas em 2025. Este crescimento não foi linear, sofrendo com quebras de safra em anos como 2003¹², 2005¹³, 2016¹⁴ e 2020¹⁵, devido a fatores climáticos e a reestruturações na área plantada. Contudo, tais sazonalidades foram sistematicamente seguidas por fases de recuperação e expansão.

A produção chinesa, por sua vez, manteve-se em contínua expansão desde 2000, quando produziu 106 milhões de toneladas, até atingir um patamar de cerca de 264 milhões de toneladas em 2015. Após um período de relativa estabilidade em torno deste nível, uma nova onda de

¹² Informações, disponíveis em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/12911-asi-perdas-de-graos-no-brasil-chegam-a-cerca-de-10-da-colheita>.

¹³ Informações, disponíveis em: https://www.estadao.com.br/economia/pioneer-preve-quebra-na-producao-de-milho-safrinha/?srsltid=AfmBOooDfr15f2YpPtuGLawjsby4tXQzkOzxIpfjAlNvj_X_2K3Iops8.

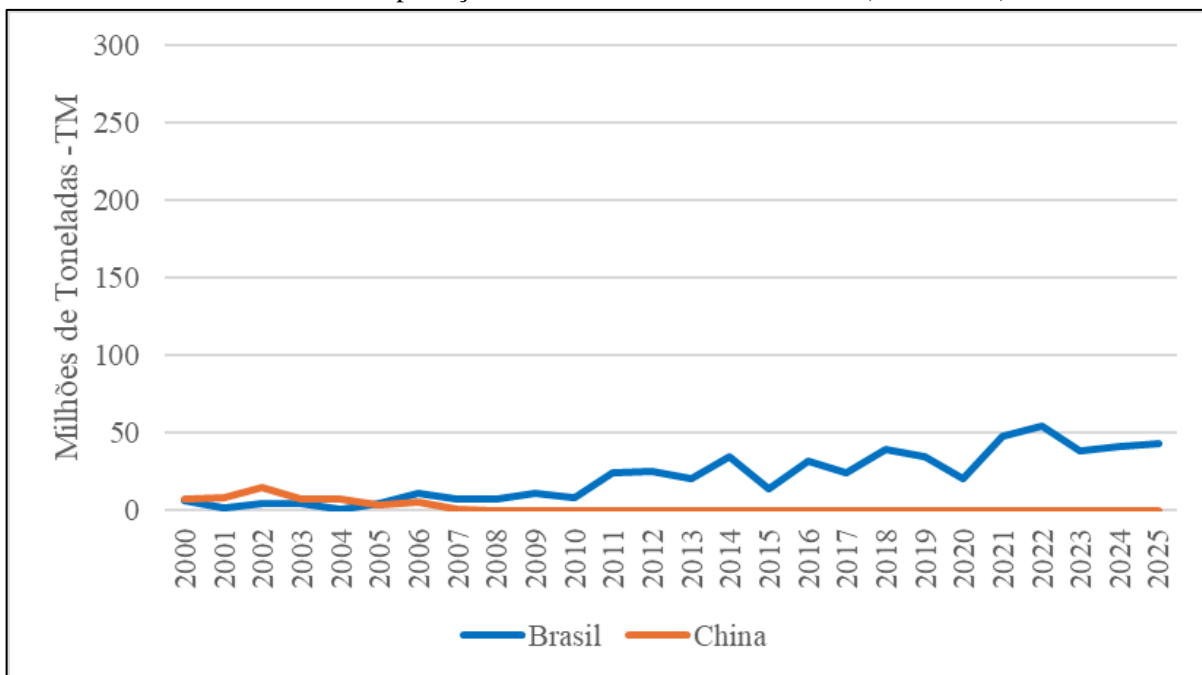
¹⁴ Informações, disponíveis em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/16814-pam-2016-valor-da-producao-agricola-nacional-foi-20-maior-do-que-em-2015>.

¹⁵ Informações, disponíveis em: <https://cnabrazil.org.br/noticias/seca-impacta-produtividade-de-soja-e-milho-na-safra-2021-22>.

crescimento se iniciou por volta de 2020, levando a produção a 295 milhões de toneladas em 2025.

Nos gráficos 8 e 9, encontram-se os dados sobre o destino da produção de milho dos países em questão.

Gráfico 8 – Exportação de milho da China e do Brasil (2000-2025)



Fonte: USDA. Organizado pelos autores (2026).

As exportações de milho revelam outra dinâmica entre os países. O ganho de produtividade brasileiro foi acompanhado pela expansão das vendas externas. Em 2000, o Brasil exportou 15% de sua produção, cerca de 6,2 milhões de toneladas. Nos anos de quebra de safra, essa participação caiu para patamares próximos a 2%, aproximadamente 681 mil toneladas, sempre seguida de recuperação. Diferente de outros produtos, a destinação das safras foi instável, oscilando majoritariamente entre 13% como em 2007, com 7,7 milhões de toneladas e 42% como em 2021, com 48,1 milhões de toneladas.

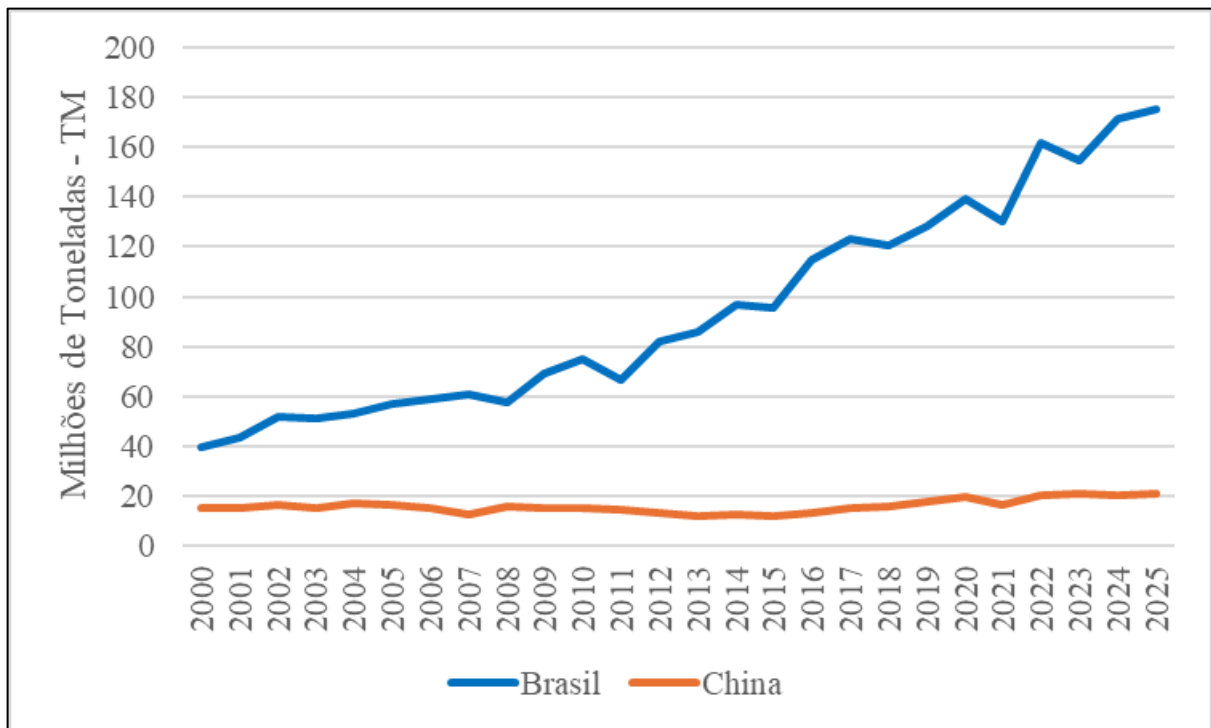
Já a China realizou um movimento inverso, saindo de 7% de sua produção destinada à exportação, cerca de 7,2 milhões de toneladas, para um percentual insignificante de 0,006% em 2025, mesmo triplicando sua capacidade produtiva anual. É crucial notar que, em valores absolutos, os 7% chineses iniciais superaram os 15% brasileiros, evidenciando a escala colossal de sua produção. Este dado não indica desabastecimento do mercado brasileiro, mas uma

expansão dialética simultânea: o crescimento do consumo interno andou lado a lado com a capacidade de direcionar volumes cada vez maiores ao mercado externo.

Por fim, mas não menos importante, no que se refere à produção da oleaginosa soja, o padrão métrico (toneladas) é o mesmo do milho. O diferencial estatístico para esta categoria é o conceito de Esmagamento. O USDA monitora não apenas o volume do grão bruto, mas também a parcela que é processada industrialmente para se transformar em derivados. Essa métrica é relevante porque a soja é raramente consumida como grão sem processamento no mercado global, funcionando essencialmente como uma matéria-prima para desdobramento industrial, ou seja, quanto maior for a exportação do material *in natura*, menor o grau de agregação de valor no território do produto.

A classificação do USDA subdivide a soja em um "complexo soja" de três produtos primários, cada um com métricas próprias de oferta e demanda: o Grão (*Beans*), conforme o gráfico 9; o Farelo (*Meal*), utilizado principalmente em ração animal; e o Óleo (*Oil*)¹⁶.

Gráfico 9 – Produção de semente oleaginosa, soja na China e no Brasil (2000-2025)



Fonte: USDA (2026).

A produção de semente oleaginosa soja, conhecida como soja *in natura*, revela uma ampliação significativa da produção brasileira durante o século XXI, passando de 39,5 milhões

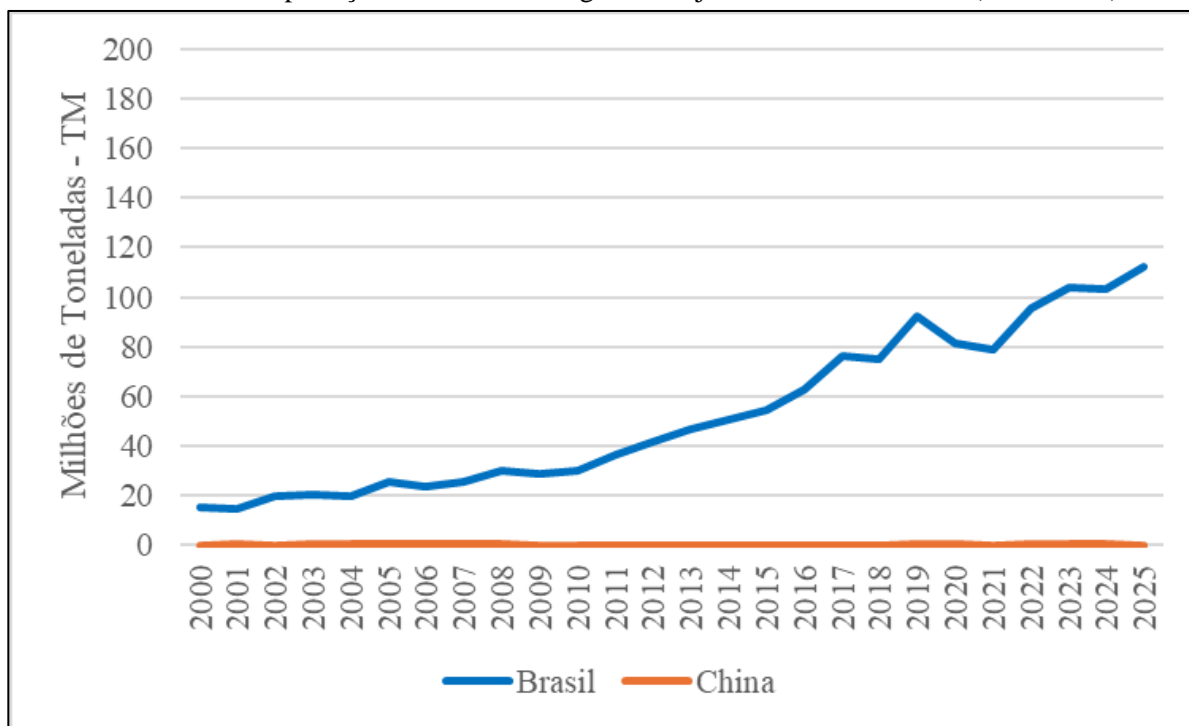
¹⁶ Disponível em: <https://apps.fas.usda.gov/psdonline/circulars/oilseeds.pdf>.

de toneladas em 2000 para 175 milhões de toneladas em 2025, quadruplicando a produção do produto durante o recorte temporal, mesmo com quebras de safras ocorridas como em 2011¹⁷ e 2021¹⁸, seguidas por fases consistentes de recuperação e nova expansão.

Já a produção chinesa manteve-se estável durante o período investigado, passando de 15 milhões de toneladas em 2000 para 21 milhões de toneladas em 2025. Observou-se uma significativa estabilidade, com a produção oscilando entre 12 e 19 milhões de toneladas até 2022, seguida de uma ligeira expansão para o patamar de 21 milhões de toneladas.

No gráfico 10, analisa-se qual montante da produção de soja de cada país é direcionado ao comércio internacional.

Gráfico 10 – Exportação de semente oleaginosa, soja da China e do Brasil (2000-2025)



Fonte: USDA (2026).

Os dados demonstram assimetrias semelhantes às dos demais produtos ao observar o desempenho brasileiro. Nota-se que a crescente produtividade da soja coincidiu com sua ampla

¹⁷ Informações, disponíveis em: [https://www.embrapa.br/busca-de-noticias/-/noticia/1460961/soja-estiagem-no-sul-pode-comprometer-safra-2011-2012#:~:text=soja%20na%20safra%202011%2D2012%20ser%C3%A1%20de%2024%2C350,de%20toneladas\)%20menor%20que%20a%20safra%20anterior.](https://www.embrapa.br/busca-de-noticias/-/noticia/1460961/soja-estiagem-no-sul-pode-comprometer-safra-2011-2012#:~:text=soja%20na%20safra%202011%2D2012%20ser%C3%A1%20de%2024%2C350,de%20toneladas)%20menor%20que%20a%20safra%20anterior.)

¹⁸ Informações, disponíveis em: [https://forbes.com.br/forbesagro/2022/02/brasil-tem-maior-quebra-da-historia-na-safra-de-soja/#:~:text=A%20nova%20previs%C3%A3o%20considera%20um,sobre%20a%20proje%C3%A7%C3%A3o%20de%20janeiro&text=O%20Brasil%2C%20principal%20produtor%20e,14\)%20a%20consultoria%20P%C3%A1tria%20AgroNeg%C3%B3cios.](https://forbes.com.br/forbesagro/2022/02/brasil-tem-maior-quebra-da-historia-na-safra-de-soja/#:~:text=A%20nova%20previs%C3%A3o%20considera%20um,sobre%20a%20proje%C3%A7%C3%A3o%20de%20janeiro&text=O%20Brasil%2C%20principal%20produtor%20e,14)%20a%20consultoria%20P%C3%A1tria%20AgroNeg%C3%B3cios.)

internacionalização. Dentre todos os produtos analisados, este é o único em que a taxa de exportação ultrapassa consistentemente 50% do volume produzido. Esse percentual saiu de 39%, cerca de 15,4 milhões de toneladas, em 2000, atingiu um pico de 72%, aproximadamente 92 milhões de toneladas, em 2019 e chegou a 2025 com 64% da produção do grão *in natura* exportada, o que equivale a cerca de 112,5 milhões de toneladas. Além de fatores tecnológicos e geográficos, a Lei Kandir também contribuiu para esse desempenho exportador da soja brasileira. Promulgada em 1996, a lei isenta o pagamento de ICMS sobre produtos primários, incentivando o direcionamento da produção da soja ao mercado exterior, uma vez que a transformação da mesma em óleo de soja, por exemplo, acarretaria tributações.

Já as exportações chinesas mostraram-se estáveis e residuais. A taxa de exportação variou entre um mínimo de 0,007%, cerca de 70 mil toneladas em 2020, e um máximo de 4%, aproximadamente 453 mil toneladas em 2007. De forma geral, a China saiu de exportar 1% de sua produção de soja *in natura* em 2000, 208 mil toneladas, para volumes ainda menores, como as 100 mil toneladas destinadas ao mercado internacional em 2025.

De acordo com dados do MDIC (2026), em 2025 o Brasil exportou aproximadamente 43,5 bilhões de dólares em soja, sendo que desse montante, 34,5 bilhões foram destinados ao gigante asiático, o que representa cerca de 79% do total. Em 2000, a China já era uma das principais compradoras da oleaginosa brasileira, mas com um percentual de 15%, aproximadamente, bem menor do que o atual. Esses dados demonstram que, apesar da China ser a quarta maior produtora mundial de soja, sua produção interna é insuficiente para abastecer a crescente demanda pelo produto, que tem como destino principal a agroindústria de carnes.

O governo chinês compreende que a dependência excessiva de mercados internacionais para produtos básicos suscita riscos existenciais (Espíndola, Sampaio e Medeiros, 2024). Diante de um cenário de hostilidade externa ou sanções, a capacidade de alimentar a própria população torna-se um "imperativo existencial", abrindo margem para *players* geoeconômicos globais de produtos agrícolas confiáveis (Martins e Nonnenberg, 2025), como o Brasil que forjou sua estrutura produtiva e oportunidades de negócio a partir da demanda chinesa crescente por produtos agrícolas, reforçando o papel do Brasil como celeiro global.

Considerações Finais

Constatou-se que entre as semelhanças da agricultura brasileira e chinesa está a pujança de ambas. Os dois países são grandes potências na produção de alimentos, figurando entre os maiores produtores, exportadores e importadores mundiais de uma vasta gama de produtos.

Portanto, conclui-se que Brasil e China são agentes centrais na dinâmica da geopolítica e da geoeconomia alimentar, no presente e possivelmente no futuro. Outra similitude diz respeito ao papel imprescindível que o Estado exerceu no desenvolvimento da agricultura em ambas formações socioespaciais.

Demonstrou-se que, enquanto o Brasil produz muito mais do que consome e exporta grandes quantidades, a China praticamente consome tudo que produz em carnes bovinas, suínas e de frango e em soja e milho, não sendo um agente importante no mercado exportador desses bens, ao contrário do Brasil.

Além de que, mesmo sendo um *player* global, verificou-se que o mercado doméstico brasileiro tem um peso maior que o externo nos produtos selecionados. Os indicadores de produção e exportação analisados no artigo ilustram ainda que entre 2000 e 2025, houve um aumento significativo da parcela dos bens com destino ao mercado externo, diminuindo a porcentagem que fica internamente. Contudo, isso não representou de maneira alguma desabastecimento para o mercado interno, pois a produção nacional acompanhou a demanda estrangeira, principalmente da China.

Um outro contraste diz respeito ao fato da China utilizar o setor de alimentos fundamentalmente para sua segurança e soberania alimentar, adquirindo grandes quantidades do exterior de bens que possuem alta demanda interna. Sem dúvida, a crescente demanda chinesa, sobretudo neste século, reconfigurou completamente o mercado mundial de bens agrícolas.

A China não é um grande exportador de alimentos, sua pauta de exportação é predominantemente de bens industriais de média-alta tecnologia. Trata-se de alta densidade tecnológica e complexidade produtiva. Por outro lado, o Brasil possui uma pauta exportadora atual centrada em *commodities* agrícolas e minerais, mostrando dificuldades em diversificar para produtos de maior valor agregado. Assim, faz-se necessária a construção de um projeto nacional que busque a reindustrialização e aproveite janelas de oportunidade colocadas pela neointustrialização, inclusive em segmentos ligados ao agro, com potencial significativo de encadeamentos e sofisticação produtiva no pré e pós porteira.

Os resultados alcançados abrem caminho para novas frentes de investigação, como analisar se o desempenho de outros cereais estratégicos (arroz, trigo, aveia) segue padrões semelhantes, qual o impacto comparativo dos sistemas de armazenamento público em cada país e quais foram as principais políticas agrícolas adotadas no período, com suas convergências e divergências. Também emergem questões sobre a destinação da produção de grãos, como feijão

e café, e sobre a dinâmica da fruticultura em ambos os países. Essas e outras indagações podem ampliar significativamente a compreensão sobre a inserção de Brasil e China nas cadeias agroalimentares globais e mapear as potencialidades para o aprofundamento da relação bilateral.

Referências

BRASIL. Ministério do Desenvolvimento, Indústria, Comércio e Serviços. **Comex Stat**: sistema oficial de estatísticas de comércio exterior do Brasil. Brasília, DF: MDIC, 2026. Disponível em: <https://comexstat.mdic.gov.br/pt/geral>. Acesso em: 8 jan. 2026.

CONAB. Companhia Nacional de Abastecimento. **Conab finaliza seminário do déficit de armazenagem apontando soluções**. Brasília: YouTube, 2024a. Disponível em: canal oficial da CONAB.

CONAB. Companhia Nacional de Abastecimento. **O Brasil saiu do Mapa da Fome e a Conab se orgulha de fazer parte desta vitória nacional!** Brasília: YouTube, 2024b. Disponível em: canal oficial da CONAB.

DENTZ, Eduardo Von; SAMPAIO, Fernando dos Santos. Dinâmica espacial da atuação da Embrapa no Brasil e a consolidação do agronegócio da soja. **Espaço & Geografia**, Brasília, v. 22, n. 1, p. 555-590, 2019. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/espacoageografia/article/view/33642>. Acesso em: 8 jan. 2026.

ESCHER, Fabiano. **Agricultura, alimentação e desenvolvimento rural**: uma análise institucional comparativa de Brasil e China. 2017. 430 f. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Rural) – Faculdade de Ciências Econômicas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/164710>. Acesso em: 13 jan. 2026.

ESCHER, Fabiano; WILKINSON, John. A economia política do complexo soja-carne Brasil-China. **Revista de Economia e Sociologia Rural**, v. 57, n. 4, e191262, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1806-9479.2019.191262>. Acesso em: 13 jan. 2026.

ESPÍNDOLA, Carlos José. **As Agroindústrias no Brasil**: o caso Sadia. Chapecó: Grifos, 1999.

ESPÍNDOLA, Carlos José. Notas sobre o agronegócio de carne na China. *Geografia Econômica: Anais de Geografia Econômica e Social*, Florianópolis, n. 1, p. 315-322, jul. 2008.

ESPÍNDOLA, Carlos José; SAMPAIO, Fernando dos Santos; MEDEIROS, Marlon Clovis. Desenvolvimento agrícola e tecnologias 5.0 no âmbito da nova economia do projeto na China. **Revista Princípios**, São Paulo, n. 171, p. 48-73, set./dez. 2024. Disponível em:

<https://revistaprincipios.emnuvens.com.br/principios/article/view/574/213>. Acesso em: 8 jan. 2026.

ESPÍNDOLA, Carlos José; CUNHA, Roberto César; JABBOUR, Elias Khalil. Trajetória da tropicalização da soja: desempenho econômico e a demanda chinesa. **Entre-Lugar**, Dourados, v. 15, n. 30, p. 55-80, jul./dez. 2024. DOI: <https://doi.org/10.30612/rel.v15i30.18785>. Disponível em: <https://ojs.ufgd.edu.br/entre-lugar/article/view/18785>. Acesso em: 8 jan. 2026.

RITCHIE, Hannah *et al.* Population Growth. **Our World in Data**, 2023. Disponível em: <https://ourworldindata.org/population-growth>.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6ª ed. São Paulo: Altas, 2008.

KAUTSKY, Karl. **A questão Agrária**. São Paulo: Proposta Editorial, [1899] 1980.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MARX, Karl. **O Capital**: crítica da economia política. Livro primeiro, v. 1. São Paulo: Boitempo, [1867] 2013.

MAMIGONIAN, Armen. As bases naturais e sociais da civilização chinesa. Geografia Econômica: **Anais de Geografia Econômica e Social**, Florianópolis, n. 1, p. 41-66, jul. 2008.

MEDEIROS, Marlon Clovis. A geografia do consumo de alimentos e a dinâmica econômica do setor agroalimentar brasileiro. **Cadernos Geográficos**, Florianópolis, n. 23, set. 2010.

MEDEIROS, Marlon Clovis. **A Geografia Econômica do Setor Agroalimentar Brasileiro: Investimentos, Recursos Ociosos e Dinâmica Cíclica (1990-2007)**. 2009. 247 f. Tese (Doutorado em Geografia Humana) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

MEDEIROS, Marlon Clóvis. Notas sobre a produção e comércio de grãos na Ásia. Geografia Econômica: **Anais de Geografia Econômica e Social**, Florianópolis, n. 1, p. 323-330, jul. 2008.

MEDEIROS, Marlon Clovis. A geografia do mercado mundial de produtos agroalimentares e o papel do Brasil. **Ra'e Ga: o Espaço Geográfico em Análise**, [S. l.], v. 31, p. 260-279, 2014. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/raega/article/view/32943/23011>. Acesso em: 8 jan. 2026.

MEDEIROS, Marlon Clovis; ESPÍNDOLA, Carlos José; SAMPAIO, Fernando Dos Santos. Transformações geoeconômicas da agropecuária e da alimentação na China. **GeoUERJ**, Rio de Janeiro, n. 46, e77952, 2025. DOI: <https://doi.org/10.12957/geouerj.2025.77952>. Acesso em: 8 jan. 2026.

MARTINS, Michelle Márcia Viana; NONNENBERG, Marcelo José Braga. Geoeconomia e protecionismo: novas configurações do comércio internacional. Rio de Janeiro: Ipea, mar. 2025.

44 p. (**Texto para Discussão, n. 3091**). Disponível em: <http://dx.doi.org/10.38116/td3091-port>. Acesso em: 9 jan. 2026.

MOURA, Debora de; FUSCALDI, Kelliane da Consolação. O papel da Conab na execução de políticas públicas. In: Congresso da Sociedade Brasileira de Economia, Administração e Sociologia Rural, 46., 2008, Rio Branco. **Anais [...]**. Rio Branco: SOBER, 2008.

LÊNIN, Vladimir I. **O Desenvolvimento do Capitalismo na Rússia**. São Paulo: Nova Cultura, [1899] 1982.

PICCIN, Marcelo Botton. **O combate à fome, o abastecimento alimentar e a gestão dos estoques públicos executados pela CONAB, no período de 2003 a 2014**. 2017. 316 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Agroecossistemas) – Centro de Ciências Agrárias, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2017

RANGEL, Ignácio. **Obras Reunidas** (Volume 2). Organizador: César Benjamin. Rio de Janeiro: Contraponto, 2005.

SAMPAIO, Fernando dos Santos. Questão Agrária e Projeto Nacional: notas para um debate. **Geosul**, Florianópolis, v. 29, Especial, p. 39-56, jul./dez. 2014. <https://periodicos.ufsc.br/index.php/geosul/article/view/2177-5230.2015v30n60p39/29060>. Acesso em 11 jan. 2026.

SALAMA, Pierre. China-Brasil: industrialización y “desindustrialización temprana”. **Cuadernos de Economía**, v. 31, n. 56, p. 223-252, 2012. http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0121-47722012000100009. Acesso 10 jan. 2026.

TIXILISKI, Giacomo Otavio. Padrões e interconexões do setor agrícola do Brasil e da China nos regimes alimentares internacionais. **Conjuntura Austral**, Porto Alegre, v. 14, n. 67, p. 57-72, jul./set. 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.22456/2178-8839.131156>. Acesso em: 8 jan. 2026.

UNITED STATES DEPARTMENT OF AGRICULTURE. **Production, Supply and Distribution (PSD) Online**. Washington, DC: USDA, 2026. Disponível em: <https://apps.fas.usda.gov/psdonline/app/index.html#/app/advQuery>. Acesso em: 6 jan. 2026.

AUTORES

Bruno Saggiorato

Doutorando em Geografia pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) - Área de concentração: Desenvolvimento Regional e Urbano; Linha de pesquisa: Formação Sócio Espacial: Mundo/Brasil/Regiões. Possui Graduação em Geografia Licenciatura (2018) e Mestrado em Geografia pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná (2021) - Área de concentração: Produção do Espaço e Meio Ambiente; Linha de pesquisa: Desenvolvimento Econômico e Dinâmicas Territoriais. É membro do Grupo de Pesquisa Formação Sócio Espacial: Progresso Técnico e Desenvolvimento Econômico (GEOTDE) da UFSC. Tem interesse na área de Geografia Humana, com ênfase em Geografia Econômica, pesquisando principalmente nos seguintes temas: Estudo Geográfico sobre a indústria moveleira, desenvolvimento econômico, processos de industrialização regionais e dinâmicas geoeconômicas do Sul do Brasil.

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-2062-9362>

E-mail: saggiorato38@gmail.com

Umberto de Andrade Filho

Licenciatura e Mestrado em Geografia pela Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD). Foi bolsista pelo Programa de Educação Tutorial (PET) de 2017 a 2020; participou como bolsista no Programa de Residência Pedagógica (PRP) de 2020 a 2021. Atualmente é doutorando em Geografia na UFGD e bolsista CAPES/DS com pesquisa intitulada "Aspectos geoeconômicos do processo de industrialização sul-mato-grossense" sob orientação da Prof. Dr. Lisandra Pereira Lamoso. Tem experiência na área de Geografia, com ênfase em Geografia Econômica e Geografia da Indústria, atuando principalmente nos seguintes temas: Geografia Econômica, Geografia da Indústria, Desenvolvimento Econômico e Dinâmicas Produtivas.

Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-6844-7536>

E-mail: umbertoandrade008@gmail.com